

A NÁUSEA OU A IRREVERSIBILIDADE DO TEMPO

A náusea or The irreversibility of time

Roberto Figurelli*

*Le sentiment de l'aventure serait,
tout simplement, celui de
l'irréversibilité du temps.¹*

Muito já se escreveu sobre *A náusea* (*La nausée*), de Jean-Paul Sartre (1905-1980). Mesmo assim, creio que vale a pena tentar uma leitura que ponha em relevo algumas idéias filosóficas do romance e sua tematização no tratado *O ser e o nada* (*L'être et le néant*).

I PARTE

A náusea é um romance sob a forma de diário. O diário de Antoine Roquentin. Após ter percorrido diferentes regiões do mundo, ei-lo em Bouville – “uma bela cidade burguesa” – com a incumbência de concluir pesquisas históricas e escrever um livro sobre o marquês de Rollebon, personagem que vivera na época da Revolução Francesa.

Precedido de uma folha sem data, *o journal* de Roquentin estende-se de 29 de janeiro (segunda-feira) a 28 de fevereiro de 1932 (quarta-feira). Mas não se trata de um diário contínuo. Faltam anotações em nove dias.

* Professor aposentado do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Paraná.

¹ SARTRE, J. P. *La Nausée*. Paris: Gallimard, 1938. p. 85.

Em alguns, as anotações primam pela concisão. Em outros, há longas descrições. Com base na “nota dos editores”,² presume-se que o autor do diário tenha falecido. Para a abordagem do romance, proponho a seguinte divisão:

1. Introdução;
2. O domingo;
3. A visita ao museu;
4. O almoço com o Autodidata;
5. O jardim público;
6. O encontro com Anny em Paris;
7. O último dia em Bouville.

INTRODUÇÃO

Quase no final do livro, Sartre atribui a Anny uma surpreendente erudição no campo da espiritualidade católica: a leitura dos *Exercícios Espirituais*, de Santo Inácio de Loyola. “Foi-me muito útil. Em primeiro lugar, há uma maneira de colocar o cenário, em seguida, de fazer aparecer os personagens. Consegue-se *ver* – acrescentou com ar mágico”. (N, p. 233) É mais ou menos isso que Sartre faz na longa introdução de *A Náusea*. O leitor desembarca na antiga estação ferroviária de Bouville e, aos poucos, vai conhecendo o cenário: o Hotel Printania (onde se hospeda Roquentin), o Rendez-vous de Cheminots, o café Mably, a Biblioteca, a Rue des Mutilés, o Boulevard Victor-Noir e até o horário do último bonde da linha Abbatoirs-Grands Bassins. Num segundo momento, as poucas personagens que entram em contacto com Roquentin: Ogier P..., escrevente de serventário da justiça, denominado o *Autodidata*; o Sr. Fasquelle, gerente do café Mably; Françoise, dona do Rendez-vous de Cheminots, amante de Roquentin; Anny, a personagem feminina de maior densidade do livro, cujo nome é uma homenagem a Annie Lannes, prima-irmã de Sartre, falecida aos 20 anos de idade.

Para um observador externo, a estadia de Roquentin em Bouville oferece pouco ou nenhum interesse: do quarto do hotel para a biblioteca e

² “Esses cadernos foram encontrados entre os papéis de Antoine Roquentin”. SARTRE, J. P. *A Náusea*. 7. ed. Tradução de: R. Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991. p. 11. Para facilitar as referências bibliográficas nas citações das obras de Sartre, utilizarei as seguintes siglas: N – *A Náusea*; SN – *O ser e o nada*; EH – *O existencialismo é um humanismo*.

de lá para os cafés; passeios pelas ruas e pelo jardim público; visita ao museu. Embora ele tenha escrito no diário – “não quero segredos, nem estados de alma, nem coisas indizíveis; não sou virgem nem padre para brincar de vida interior” (N, p. 25) – o interesse maior reside na experiência interior do protagonista.

Desde a primeira frase do diário, Roquentin pressente que algo está para ocorrer:

Já não posso duvidar de que alguma coisa me aconteceu. Isso veio como uma doença, não como uma certeza comum, não como uma evidência. Instalou-se pouco a pouco, sorrateiramente: senti-me um pouco estranho, um pouco incômodo, e isso foi tudo. (N, p. 17)

E, no final da página, completa:

Se não estou equivocado, se todos os índices que se acumulam são precursores de uma nova reviravolta em minha vida, então tenho medo. Não que minha vida seja rica, nem preciosa. Mas sinto medo do que vai nascer, se apoderar de mim – e me arrastar para onde? (N, p. 20)

Afinal, na sexta-feira, 02 de fevereiro, após ter tentado em vão avançar na pesquisa sobre o marquês de Rollebon, Roquentin vive a experiência da Náusea no Rendez-vous des Cheminots:

Então fui acometido pela Náusea, me deixei cair no banco, já nem sabia onde estava; via as cores girando lentamente em torno de mim, sentia vontade de vomitar. E é isso: a partir daí a Náusea não me deixou, se apossou de mim. (N, p. 38)

Um pouco depois, Roquentin pede para ouvir seu disco favorito, um velho *ragtime* que conhecia desde 1917. Antes do estribilho, é o jazz que toca. Roquentin é envolvido pela sucessão de notas que “correm, se apressam, de passagem me dão um golpe seco e se obliteram”. (N, p. 41) Não há como retê-las. Anima-se. Experimenta “uma pequena felicidade de Náusea”. Extingue-se o último acorde. Um breve momento de silêncio. E a negra canta:

Some of these days
You'll miss me honey

(Num dia desses
Você sentirá falta de mim, querido)

Como que por encanto a Náusea desaparece. Roquentin mergulha na música. Emociona-se. Relembra o seu passado, as aventuras vividas. Assim como um disco não pode girar em sentido contrário, ele também não pode voltar atrás em sua vida.

O DOMINGO

“Um domingo em Bouville” poderia ser o título da descrição que A. Roquentin faz do dia 11 de fevereiro. De manhã, ele se põe a caminho para não perder o espetáculo da saída da missa e o desfile dos burgueses na rua Tournebride. Ao meio-dia, refugia-se na Brasserie Vézelize. Ao entardecer, junta-se à multidão que passeia à beira-mar. “A luz se suavizou. Nessa hora instável algo anunciava a noite. O domingo já tinha um passado”. (N, p. 85) Acende-se a luz do farol Caillebotte. Sopra um vento forte.

O domingo que termina deixou-lhes um gosto de cinzas e seu pensamento se volta para a segunda-feira. Mas para mim não existem segunda-feira nem domingo: existem dias que se atropelam desordenadamente e, além disso, lampejos como esse. (N, p. 87)

Roquentin sente que lhe acontece uma aventura. Essa aventura é ele, que está ali, envolvido pela felicidade “como um herói de romance”. É inevitável a aproximação com a Náusea. Trata-se, porém, do reverso da Náusea.

Tudo parou; minha vida parou: esse grande vidro, esse ar pesado, azul como a água, essa planta carnuda e branca no fundo da água e eu próprio formamos um todo imóvel e pleno: estou feliz. (N, p. 89)

A VISITA AO MUSEU

A tarde do dia 17 de fevereiro, sábado, é dedicada à visita ao museu de Bouville. Primeiro, a sala dos retratos pintados por Renandas e por Bordurin immortalizando os habitantes da cidade, que viveram entre 1875 e 1910 e se tornaram dignos de entrar na história. Diante de Jean Pacôme, da família mais rica de Bouville, Roquentin é atingido pelo olhar e transpassado pelo julgamento implacável do cidadão exemplar:

E era verdade, sempre me apercebera disso: não tinha o direito de existir. Surgira por acaso, existia como uma pedra, uma planta, um micróbio. Minha vida desenvolvia-se ao acaso e em todos os sentidos. Enviava-me às vezes sinais vagos; outras vezes eu percebia apenas um zumbido sem importância. (N, p. 129)

A seguir, Rémy Parrotin, professor da Escola de Medicina de Paris. E Jean Parrotin, seu irmão. E o general Aubry.

O que aquelas telas escuras ofereciam a meus olhos era o homem repensado pelo homem, com a mais bela conquista do homem como único ornamento: o buquê dos Direitos do Homem e do Cidadão. Admirei sem reservas o reino humano. (N, p. 136-137)

Por último, o retrato de Olivier Blévigne, negociante e político. Apesar de sua baixa estatura, passara à posteridade com um “rosto ameaçador, um gesto soberbo e olhos sanguinolentos de touro”.

Roquentin segue pela galeria, cumprimentando os notáveis da cidade para, no final, despedir-se com estas palavras:

Adeus, belos lírios tão delicados em seus pequenos santuários pintados; adeus, belos lírios, nosso orgulho e nossa razão de ser. Adeus, salafrários (*salauds*). (N, p. 143)

Sob o prisma literário, a cena que acabo de evocar é um dos pontos altos de *A Náusea*. Sartre revela-se um mestre exímio no manejo da ironia. A visita ao museu pode ser interpretada como um *intermezzo* entre a descrição do domingo e os acontecimentos de 21 de fevereiro. Mas, antes disso, o leitor é surpreendido com a decisão de Roquentin: “Já não estou

escrevendo meu livro sobre Rollebon; isso terminou, já não posso escrevê-lo. Que vou fazer de minha vida?” (N, p. 143) Para se compreender o porquê dessa decisão, é necessário remontar alguns passos atrás, mais precisamente, à forte experiência da transitoriedade do tempo, no domingo, 11 de fevereiro. No dia seguinte, Roquentin fora levado a meditar sobre a irreversibilidade do tempo:

Eis, creio eu, o que ocorre: bruscamente se sente que o tempo se esgota, que cada instante leva a outro instante, esse a outro, e assim sucessivamente; que cada instante se aniquila, que é inútil tentar retê-lo, etc. (N, p. 90)

A irreversibilidade do tempo confunde-se com o sentimento de aventura: “O sentimento da aventura seria simplesmente o da irreversibilidade do tempo”. Mas fica em aberto a questão: “por que não o temos permanentemente?” (N, p. 91)

Roquentin lembra-se, com freqüência, de Anny. São recordações que vêm à tona envoltas num sentimento de ternura. Lê-se no diário:

Perdi primeiro a lembrança de seus olhos, depois a do seu corpo esguio. Guardei, o mais que pude, seu sorriso, e finalmente, há três anos, perdi-o também. (N, p. 99)

Ao receber uma carta de Anny, ele recupera o sorriso da mulher amada. Mas, num átimo, o sorriso se esvai. E Roquentin volta a se sentir vazio e seco. Daí a pergunta: “será possível pensar em alguém no passado?” (N, p. 100) O passado aparece-lhe como um “enorme buraco”. Para os que têm família, moram numa casa e vivem no meio de objetos, onde tudo são recordações, “o passado é um luxo de proprietário”.

Como poderia eu conservar o meu? Não se pode colocar o passado no bolso; preciso ter uma casa, arrumá-lo nela. Só possuo meu corpo; um homem inteiramente sozinho, só com seu corpo, não pode reter as lembranças; elas passam através dele. Não deveria me queixar: tudo o que quis foi ser livre. (N, p. 102)

Posto isso, retomemos a seqüência dos acontecimentos. Segunda-feira, 19 de fevereiro, três horas da tarde. Sentado à mesa, no quarto do Hotel Printania, Roquentin empenha-se em instalar o marquês de Rollebon

na existência histórica. De repente, uma possível objeção sobre a sinceridade do marquês faz com que ele se sinta saturado com o passado, o presente e o mundo. “Como, então, eu que não tive forças para reter meu próprio passado, posso esperar salvar o de outra pessoa?” (N, p. 144) Essa frase soa como um desabafo e, ao mesmo tempo, como uma justificativa. Vale a pena transcrever o depoimento de Roquentin:

Lancei um olhar ansioso ao meu redor: só o presente, nada além do presente. Móveis leves e sólidos, incrustados em seu presente, uma mesa, uma cama, um armário do espelho – e eu próprio. Revelava-se a verdadeira natureza do presente: era o que existe e tudo o que não era presente não existia. O passado não existia. De modo algum. Nem nas coisas, nem mesmo em meu pensamento. Por certo fazia muito tempo que eu compreendia que o meu me escapara. Mas até então pensava que simplesmente se retirara do meu alcance. Para mim, o passado era apenas uma aposentadoria: era uma outra maneira de existir, um estado de férias e de inação; cada acontecimento, quando seu papel findava, se arrumava sensatamente, por si próprio, numa caixa e se tornava acontecimento honorário: é tão difícil imaginar o nada! Agora eu sabia: as coisas são inteiramente o que parecem - *epor trás delas...* não existe nada. (N, p. 145)

Há como que uma fusão entre a experiência da existência e a do presente. E o passado? Identifica-se com o nada. Conclusão prática: “O Sr. de Rollebon acabava de morrer pela segunda vez”. (N, p. 145) Não é de estranhar que, no final da tarde, Roquentin seja acometido por uma crise de Náusea:

A coisa, que estava à espera, alertou-se, precipitou-se sobre mim, penetra em mim, estou pleno dela. – Não é nada: a Coisa sou eu. A existência, liberada, desprendida, refluíu sobre mim. Existo. (N, p. 149)

Tomada a decisão de não mais se ocupar do marquês de Rollebon, Roquentin poderia ter arrumado suas malas e embarcado no trem para Paris. Sartre, porém, surpreende o leitor com o mais longo e o mais cheio dos dias do *journal*.

O ALMOÇO COM O AUTODIDATA

Meio-dia. 21 de fevereiro. Ei-lo num restaurante a convite do Autodidata. Entre os presentes, cumpre mencionar um caixeiro-viajante, um homem de cabelos brancos que bebe água de Vichy, dois sujeitos atarracados que saboreiam mexilhões e um casal de namorados.

Roquentin conhecera Ogier P. ..., em 1930, na biblioteca de Bouville. Descobriria casualmente que ele se instruíra por ordem alfabética. É um homem solitário, inseguro, afetado em suas maneiras, “respeitoso até a raiz dos cabelos”, cujo olhar revela um desejo de comunhão de almas. Não se sabe bem por que Roquentin aceitara o convite para o almoço. Em seu relacionamento com o Autodidata, ele parece estar ora atraído ora repellido por essa estranha figura. Tinha, é claro, necessidade de falar. O fato de encontrar-se ali não significa que deseje comunhão de almas: “não caí tão baixo”. (N, p. 159)

O Autodidata mostra-se generoso com seu convidado. Manda vir ostras e – para espanto da garçonete – uma garrafa de vinho Rosé d’Anjou. Come com uma rapidez extraordinária e confessa ter estômago de avestruz. Aliás, é manifesto, desde o início, que ele escolhera Roquentin para uma confissão. E teve sorte. Roquentin dispõe-se a ouvi-lo:

Sou todo ouvidos: tudo o que quero é me compadecer com os problemas dos outros; isso representará uma mudança para mim. Não tenho problemas, tenho dinheiro, fruto de rendas, não tenho patrão, nem mulheres, nem filhos; existo, é tudo. (N, p. 159)

A confissão do Autodidata desdobra-se por etapas: durante a I Guerra Mundial, estivera no cativeiro, tornara-se um humanista e aderira ao socialismo. Revela também que o prazer estético lhe escapa. Alude a problemas com um funcionário da biblioteca e a certos mexericos que o molestam. Pára. Interrompe a confissão.

A descrição do par de namorados é feita em tom nostálgico por alguém que já vivera um romance – o romance com Anny – com os mesmos traços de ingenuidade.

Já não os ouço: me irritam. Vão dormir juntos. Sabem disso. Cada um dos dois sabe que o outro sabe. Quando tiverem dormido juntos, terão de descobrir outra coisa para encobrir o enorme absurdo de suas existências. Ainda assim ... será absolutamente necessário mentir a si mesmos? (N, p. 166)

A profissão de fé no humanismo é mal acolhida por Roquentin. Sartre, ao delinear os traços deste humanista de província, socialista e freqüentador esporádico de missas dominicais, cria uma figura repelente e despeja sobre ela carradas de desprezo. Ele não suporta certas palavras e expressões que brotam tantas vezes da boca dos humanistas, como, por exemplo, “Há os homens, meu velho, há os homens. E dava ao *há* uma espécie de força canhestra, como se seu amor pelos homens, perpetuamente novo e admirado, se enredasse em suas asas gigantescas”. (N, p. 168-169) Sartre assume um tom didático e apresenta a lista dos humanistas desde o radical até o filósofo humanista. Todos têm em comum o fato de se odiarem entre si “como indivíduos naturalmente – não como homens”. (N, p. 174)

Apesar de todo o empenho em corresponder à gentileza do Autodidata, Roquentin não consegue ocultar sua obsessão com a existência. Ele existe e sabe que existe. Sabe também que os outros existem. É o seu segredo e o segredo de sua superioridade sobre os outros. Num dado momento, chega a pensar em explicar ao senhor de cabelos brancos o que é a existência. Resiste. Começa a rir. No fim do almoço, com o gosto de queijo na boca e atordoado com a pregação da necessidade de amar os homens, sente vontade de vomitar e, de repente, é sacudido de alto a baixo por uma “bela crise” de Náusea.

Então é isso a Náusea: essa evidência ofuscante? Como quebrei a cabeça! Como escrevi a respeito dela! Agora sei: Existo – o mundo existe – e sei que o mundo existe. Isso é tudo. (N, p. 182)

O JARDIM PÚBLICO

No jardim público, às seis da tarde, Roquentin sente-se invadido, por todos os lados, pela existência. Compreende e vê que a Náusea não é uma doença nem uma febre passageira: *c'est moi*. A existência deixa de ser uma categoria abstrata. É a própria massa das coisas. Nós, os outros, as coisas ... não temos a menor razão para estar-aí. Somos demais. Estamos de sobra. E mesmo que eu suprimisse minha existência supérflua, de nada adiantaria. Minha própria morte seria demais. “Eu era demais para a eternidade” (*j'étais de trop pour l'éternité*). (N, p. 190) Embora sem formular claramente, “compreendi que havia encontrado a chave da Existência, a chave de minhas Náuseas, de minha própria vida”. É a experiência do absoluto: “o absoluto ou o absurdo”. (N, p. 190-191)

Roquentin fala de um momento “extraordinário” e lembra ter mergulhado num “êxtase horrível”. Anota em tom didático:

O essencial é a contingência. O que quero dizer é que, por definição, a existência não é a necessidade. Existir é simplesmente *estar presente*; os entes aparecem, deixam que os encontremos, mas nunca podemos *deduzi-los*. Creio que há pessoas que compreendem isso. Só que tentaram superar essa contingência inventando um ser necessário e causa de si próprio. Ora, nenhum ser necessário pode explicar a existência: a contingência não é uma ilusão, uma aparência que se pode dissipar; é o absoluto, por conseguinte a gratuidade perfeita. Tudo é gratuito: esse jardim, essa cidade e eu próprio. (N, p. 193-194)

Observe-se que a descrição desse momento lembra, em muitos aspectos, uma experiência mística ou uma revelação religiosa. O tempo havia parado. Por um lado, a identificação com a raiz de castanheiro ou a consciência de sua existência. Por outro, a percepção do movimento dos galhos das árvores. “Tudo estava pleno, tudo em ato, não havia tempo fraco, tudo, até o mais imperceptível estremecimento, era feito com existência”. (N, p. 196) Não há como se subtrair do “prazer atroz” desse transbordamento de existência. Com essa descrição, Sartre alcança o clímax do romance *A Náusea*.

Passado o êxtase, Roquentin levanta-se, sai do jardim e, ao chegar no portão, volta-se “então o jardim sorriu para mim”. (N, p. 199)

O ENCONTRO COM ANNY EM PARIS

Anny é uma presença constante no diário. Através de observações esporádicas, o leitor é informado de que Anny e Roquentin tinham vivido um romance e se separado há mais de três anos. No que se refere a ele, o amor não desaparecera. Com a carta-convite para um encontro em Paris, o amor parece recobrar forças e crescer em intensidade. Mas não o suficiente para que se lembre, com nitidez, dos traços da mulher amada. Não deixa de ser uma surpresa constatar que Roquentin não é insensível ao amor.

O encontro acontece em Paris, sábado, 24 de fevereiro. Desde o momento em que Anny o recebe, com um longo vestido preto, até a despedida, se respira uma atmosfera de lirismo mesclado a tristeza. As frases curtas, mas cheias de alusões, fazem do diálogo um dos pontos fortes do episódio.

Dentre os aspectos que poderiam ser postos em evidência, aponto para a simetria entre as palavras de Roquentin, no dia do almoço com o Autodidata – “dentro de quatro dias reveerei Anny: no momento é essa a minha única razão de viver” (N, p. 155) – e a confissão de Anny: “É por isso que preciso de ti”. E, um pouco mais adiante: “Preciso que existas e não mudes”. (p. 202)

Quanto aos modos e atitudes, ela não mudara. Nem sequer lhe estendera a mão ao entrar. Mas, na despedida, beija-o de leve: “É para me lembrar de teus lábios – diz sorrindo”. (N, p. 225)

Quanto à aparência, a atriz de teatro não é mais a mesma: “está gorda, os seios volumosos”. (N, p. 200) “É essa moça, essa moça gorda de aparência deteriorada que me toca e que eu amo”. (N, p. 211) Será por esse motivo que o reencontro acaba se transformando num desencontro? “Não, não. Tu não me reencontraste”. (N, p. 225) Ele, no fundo, esperava que ela nunca mais o deixasse: “No entanto deveria saber que Anny jamais aceitará envelhecer diante de mim”. (N, p. 156) Em Paris, também é possível observar que os dois se situam em posições divergentes no que diz respeito ao tempo: “Anny nem parece estar evocando lembranças, seu tom não tem o matiz enternecido e distante que convém a esse tipo de ocupação. Parece estar falando de hoje, no máximo de ontem”. (N, p. 205) Para Roquentin, esse conhecimento do passado é uma forma de opressão. Ela vive no passado. Ele é um homem atormentado pelo presente. A separação é inevitável. De volta a Bouville, anota em seu diário:

Sou livre: já não me resta nenhuma razão para viver, todas as que tentei cederam e já não posso imaginar outras. Ainda sou bastante jovem, ainda tenho força bastante para recomeçar. Mas recomeçar o quê? Só agora compreendo o quanto, no auge de meus terrores, de minhas náuseas, tinha contado com Anny para me salvar. Meu passado está morto. O Sr. de Rollebon está morto. Anny só retornou para me tirar toda esperança. Estou sozinho nessa rua branca guarnecida de jardins. Sozinho e livre. Mas essa liberdade se assemelha um pouco à morte. (N, p. 228-229)

O ÚLTIMO DIA EM BOUVILLE

A véspera de 28 de fevereiro, último dia de sua permanência em Bouville, é reservada para um balanço final dos três anos passados na cidade. É um balanço eivado de nostalgia e desesperança. Só na última página do diário, há um vislumbre de esperança quando ele alude à

possibilidade de escrever um romance para evocar sua vida sem repugnância. Conseguiria, então – “no passado, somente no passado” – se aceitar.

Do alto de uma colina, Roquentin contempla os habitantes da cidade que, satisfeitos, deixam seus escritórios. Despreza-os do fundo do coração:

Que imbecis! Repugna-me pensar que vou rever seus rostos espessos e tranqüilos. Eles legislam, escrevem romances populistas, casam-se, cometem a extrema tolice de fazer filhos. (N, p. 231)

Por fim, não receia confessar: “é da existência que sinto medo”. (N, p. 233)

No dia seguinte, ao entardecer, no Café Mably, Roquentin põe no papel uma descrição pormenorizada do que presenciara na biblioteca. Após ter devolvido dois volumes, que tomara por empréstimo, decide ficar um pouco mais e ler o jornal. Além dos funcionários, estão na sala uma senhora corpulenta, o Autodidata e dois adolescentes. Um deles senta-se à esquerda do humanista. Roquentin pressagia que algo de ignóbil está para acontecer. O Autodidata sussurra algumas palavras no ouvido do jovem e, de repente, começa a acariciar uma de suas mãos. Aí o bibliotecário dá um berro e estoura o escândalo. O Autodidata leva dois murros e, com o rosto ensangüentado, retira-se da biblioteca amparado por Roquentin. “Deve estar perambulando, arrasado de vergonha e de terror, esse pobre humanista que os homens já não aceitam”. (N, p. 233-234)

Dentro de duas horas, partirá o trem para Paris. Roquentin atravessa o jardim público e tem a sensação de não mais estar em Bouville. Cai num esquecimento total no sentido de ninguém mais se lembrar dele. Ou será que Anny se lembra dele? “Tudo o que resta de real em mim é existência que se sente existir. Bocejo silenciosamente, demoradamente. Ninguém. Antoine Roquentin não existe para ninguém”. (N, p. 247)

No Rendez-vous des Cheminots, despede-se de Françoise e ouve, pela última vez, seu disco favorito:

*Some of these days
You'll miss me honey.*

Também isso eu compreendo: o disco se arranha e se gasta, a cantora talvez esteja morta; eu vou embora, vou tomar meu trem. Mas por trás do ente que cai de um presente para o outro, sem passado, sem futuro, por trás desses sons que dia a dia se decompõem, se lascam e deslizam para a morte, a melodia

permanece a mesma, jovem e sólida, como uma testemunha implacável. (N, p. 255)

II PARTE

Sob o prisma literário, o período de 1930 a 1938, na vida de Sartre, costuma ser visualizado sob o signo de *A náusea*. Como ponto de partida, a descoberta da noção de contingência, ou seja, a gratuidade, a falta de sentido da vida e da existência. Depois, a elaboração do “panfleto sobre a contingência”, ensaio polêmico na linha da tradição francesa dos séculos XVII e XVIII. Até ser aceito pela Editora Gallimard, o manuscrito – denominado *Melancholia* – passou por três versões, sofreu cortes e correções, sempre com a anuência do autor, para, finalmente, na primavera de 1938, vir a público com o título definitivo de *A náusea*, com uma enigmática citação de L.-F. Céline como epígrafe.³

O sucesso de *A náusea* foi imediato, e Sartre conquistou a celebridade. “Tive, aos 30 anos, esse lampejo de gênio: descrever – com toda a sinceridade, lhe asseguro – a existência injustificável e inerte de meus semelhantes”, escreveu ele em *Les mots* (As palavras).⁴ E, na entrevista do septuagésimo aniversário: “Considero que, do ponto de vista propriamente literário, é o que de melhor eu fiz”.⁵

Logo após o lançamento do livro, Paul Nizan advertiu no perigo de *A náusea* ser classificado como “romance filosófico”: “a literatura de Sartre não tem nenhuma relação com esse gênero frívolo, mas ela dá bastante bem a idéia do que poderia ser uma literatura associada a uma filosofia existencial”. (*Ce soir*, 16 maio 1938) Pois esse tipo de literatura teve seu apogeu na França, no imediato pós-guerra, com o rótulo de *literatura da existência* ou *existencial*, incluindo, além de Sartre, Albert Camus, Georges Bataille e Simone de Beauvoir.

Era inevitável também que se falasse em “romance de tese”. No quadro das classificações de um compêndio, utilizado nas escolas francesas na década de 1940, o “romance filosófico” fazia parte do “romance de tese” ou “didático”, uma das muitas espécies do “gênero romanesco”. O “romance

³ “C’est un garçon sans importance collective, c’est tout juste un individu”. L. F. Céline, *L’Église*. A propósito da epígrafe de *A Náusea*, ver LÉVY, B. H. *O século de Sartre*: inquérito filosófico. Tradução de: J. Bastos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 104-110.

⁴ SARTRE, J. P. *Les Mots*. Paris: Gallimard, 1964. p. 211.

⁵ SARTRE, J. P. *Situations, X*. Paris: Gallimard, 1976. p. 155.

de tese”, além de agradar, pretendia instruir e moralizar.⁶ Em 1945, o crítico Maurice Blanchot tomou posição face aos romances de Sartre: “O romance não tem nada a temer de uma tese, sob a condição de que a tese aceite não ser nada sem o romance. Pois o romance tem sua própria moral que é a ambigüidade e o equívoco”.⁷ Maurice Merleau-Ponty, por sua vez, abordou o tema em foco no estudo “Le Roman et la Métaphysique”, consagrado ao livro *A convidada* (L'Invitée), de Simone de Beauvoir. Para Merleau, toda obra de um grande romancista é sempre guiada por duas ou três idéias filosóficas. “Não é função do romancista tematizar essas idéias; sua função é fazê-las existir diante de nós à maneira das coisas”.⁸

Acatando a sugestão de Merleau-Ponty, identifico em *A náusea*, como idéias norteadoras, a contingência e a temporalidade. É claro que, com isso, proponho uma distinção de caráter didático. De fato, a idéia de contingência abrange a temporalidade.

Gerd Bornheim, no seu livro *Sartre*, institui um paralelo entre o *cogito* cartesiano e o sartriano; entre a dúvida metódica e a dúvida progressiva; entre o *Discurso do método* e *A náusea*. “Digamos que Roquentin encarna o método. Pois através de suas andanças revela-se-lhe, progressivamente, a clareza de uma verdade última”.⁹ Roquentin, ao viver a experiência da Náusea, mergulha na existência e descobre que a existência humana e o mundo são gratuitos e absurdos. De nada adianta recorrer a um ser necessário e causa de si próprio: “ora, nenhum ser necessário pode explicar a existência”. (N, p. 194) É por isso que estou convencido de que *A Náusea* é a melhor introdução à leitura de *O ser e o nada*¹⁰ e, reciprocamente, a leitura da obra de 1943 ajuda a compreender e apreciar melhor *A náusea*. Os grandes temas do tratado filosófico já se encontram esboçados ou delineados no romance de 1938: as duas regiões do universo do ser, o nada, a temporalidade, o ser-para-outro, a má-fé, a liberdade e o ateísmo.

Era previsível que, na esteira de Descartes, Bergson, Husserl e Heidegger, Sartre afrontasse o tema da temporalidade num tratado da envergadura de *O ser e o nada*. Note-se que o capítulo acerca da temporalidade (II Parte, cap. 2) é precedido pela descrição fenomenológica do em-si (ser-objeto) e do para-si (ser-consciência), bem como do estudo do problema do nada. Posto isso, o autor parte para uma fenomenologia das três dimensões

⁶ “Pode-se incluir nesta espécie o romance *filosófico*, que insinua uma intenção didática em sua afabulação romanesca”. SUBERVILLE, J. *Théorie de l'Art et des Genres Littéraires*. 5. éd. Paris: Les Éd. de l'École, 1959. p. 447.

⁷ Ver BLANCHOT, M. “Sur les romans de Sartre”. *L'Arché*, Oct. 1945.

⁸ MERLEAU-PONTY, M. *Sens et non-sens*. 5. éd. Paris: Nagel, 1966. p. 45.

⁹ BORNHEIM, G. *Sartre*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1984. p. 16.

¹⁰ Ver SARTRE, J. P. *O ser e o nada*. Ensaio de ontologia fenomenológica. 2. ed. Tradução de: P. Perdigão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

temporais. A temporalidade apresenta-se como uma estrutura organizada, e o passado, o presente e o futuro devem ser vistos como “momentos estruturados de uma síntese original”. (SN, p. 158) Na terminologia sartriana, o passado é em-si (*en-soi*) e o presente é para-si (*pour-soi*). Falar em existência de um passado só tem sentido para o homem. Sartre insurge-se contra a expressão *ter um passado* e, em lugar dela, propõe *ser seu próprio passado*: “não há passado salvo para um presente que só pode existir sendo lá atrás seu passado”. (SN, p. 166) Sob outro ângulo, porém, eu não sou meu passado, “já que eu o era”. Por isso, coerentemente, Sartre chega à seguinte formulação: “Somente no passado sou o que sou”. (SN, p. 171) Visto que o passado é em-si, eu não posso voltar ao passado. Contra a enganosa homogeneidade do passado e do presente, o filósofo é categórico: “entre passado e presente há uma heterogeneidade absoluta”. (SN, p. 172) No contexto da liberdade (IV Parte, cap. 1), já que “não há liberdade a não ser em *situação*, e não há situação a não ser pela liberdade” (SN, p. 602), Sartre defronta novamente com o passado – *meu passado* – ao examinar as diferentes estruturas da situação.

Ao tratar do presente, Sartre empenha-se em desmistificar a postura dogmática, própria do homem pré-crítico, ao declarar:

O que falsamente se denomina Presente é o ser ao qual o presente é presença. É impossível captar o Presente em forma de instante, pois o instante seria o momento em que o presente é. Mas o presente não é, faz-se presente em forma de fuga. (SN, p. 177)

E se entendêssemos “por futuro um *agora* que ainda não é”, “iríamos encarar o tempo como um continente dado e estático”. (SN, p. 179) No final do parágrafo, a sentença que resume o pensamento do autor: “sou meu Futuro na perspectiva constante da possibilidade de não sê-lo”. (SN, p. 183) E como o homem é um ser cujo sentido é sempre problemático, a angústia é inevitável. “O homem é angústia”, dirá ele em 1945.¹¹ Para explicar a angústia, Sartre recorre ao exemplo de um chefe militar que tem de fazer uma escolha e assumir a responsabilidade pelo seu ato. Por quê? Porque o homem é livre e “ser livre é estar condenado a ser livre”. (SN, p. 183)

Ao versar sobre a ontologia da temporalidade, Sartre define a multiplicidade temporal como “uma multiplicidade ordenada segundo o antes e o depois”. (SN, p. 184) Logo a seguir, o leitor depara com a irreversibilidade

¹¹ SARTRE, J. P. *O existencialismo é um humanismo*. Tradução de: V. Ferreira. Lisboa: Presença, s.d. p. 247.

do tempo: “A ordem *antes-depois* se define, antes de tudo, pela irreversibilidade”. (SN, p. 185) O filósofo alude, então, aos romancistas e poetas:

É essencialmente sobre esta virtude separadora do tempo que romancistas e poetas tanto insistem, bem como sobre uma idéia vizinha, que pertence, por outro lado, à dinâmica temporal: a de que tornar *agora* está destinado a se tornar um *outrora*. O tempo corrói e escava, separa, foge. (SN, p. 185)

Dada a importância da irreversibilidade do tempo em *A náusea*, era de se esperar que Sartre desenvolvesse um pouco mais esse tópico em *O ser e o nada*.

É indubitável que a atividade de Sartre, como romancista e dramaturgo, ajudou a difusão de suas idéias filosóficas. Assim, por exemplo, na descrição do par de namorados, durante o almoço com o Autodidata, há uma antecipação daquilo que será chamado de *má-fé* (*mauvaise-foi*) em algumas páginas de *O ser e o nada* que merecidamente se tornaram célebres. “A má-fé tem na aparência, portanto, a estrutura da mentira. Só que – e isso muda tudo – na má-fé eu mesmo escondo a verdade de mim mesmo”. (SN, p. 94) No filme *Sartre por Sartre* (*Sartre par lui-même*), de Alexandre Astruc e Michel Contat, 1972, Sartre reconheceu ter se utilizado do romance *A Náusea* para que a idéia de contingência ganhasse consistência antes da prova definitiva de um tratado filosófico. Talvez Sartre não se tenha dado conta, em 1972, de que essa instrumentalização da literatura contraria os princípios defendidos com tanta convicção, em 1947, no ensaio *Que é a literatura?* (*Qu'est-ce que la littérature?*).¹²

CONCLUSÃO

Apesar de o diário de Antoine Roquentin terminar com um sinal de esperança, na inesperada confiança de um dia, talvez, vir a escrever um romance para que “um pouco de claridade” iluminasse o seu passado, *A náusea* deixou muitos leitores e críticos com a impressão de que Sartre se

¹² Por exemplo: “Demonstrei acima que a obra de arte como fim absoluto se opõe, por essência, ao utilitarismo burguês”. SARTRE, J. P. *Que é a literatura?* Tradução de: C.F. Moisés. São Paulo: Ática, 1989. p. 193.

deleitava em acentuar “a ignomínia humana” e mostrar “o sórdido, o equívoco, o viscoso”.¹³ Gabriel Marcel, um dos seus críticos mais severos, valeu-se do adjetivo *grumeleux* (grumoso, coalhado) para qualificar alguns aspectos da realidade que foram descritos no romance.¹⁴ Em *O ser e o nada*, ao tratar da “Qualidade como Reveladora do Ser”, Sartre elabora uma fenomenologia dos viscoso (*visqueux*): “O horror do viscoso é o horror de que o tempo se torne viscoso, de que a facticidade progrida contínua e insensivelmente até absorver o Para-si que *a existe*”. (SN, p. 745) Se a isso acrescentarmos algumas sentenças do tratado, que costumam ser citadas fora do contexto, como, por exemplo, “A história de uma vida, qualquer que seja, é a história de um fracasso” (SN, p. 593) e “Mas a idéia de Deus é contraditória, e nos perdemos em vão; o homem é uma paixão inútil” (SN, p. 750), teremos alguns elementos que ajudam a explicar a pecha de pessimismo que envolveu o nome de Sartre na década de 1940.

A reação teve início na noite de 29 de outubro de 1945 com a conferência *O existencialismo é um humanismo* (L'existentialisme est un humanisme), proferida por Sartre no Clube *Maintenant*, em Paris. Da leitura do texto, é possível constatar que o filósofo procurou responder às principais acusações levantadas contra o existencialismo por ele encarnado. Limiteme, aqui, à questão do humanismo.

Criticaram-me por perguntar se o existencialismo era um humanismo. Responderam-me: mas você escreveu na *Náusea* que os humanistas não tinham razão. Você troçou dum certo tipo de humanismo, para que voltar a ele agora? (EH, p. 291-292)

Na resposta, Sartre bosqueja o que seria chamado, a partir de então, de *humanismo existencialista*:

Humanismo, porque recordamos ao homem que não há outro legislador além dele próprio, e que é no abandono que ele decidirá de si; e porque mostramos que isso se não decide com voltar-se para si, mas que é procurando sempre fora de si um fim – que é tal libertação, tal realização particular – que o homem se realizará precisamente como ser humano. (EH, p. 294-295)

¹³ Como diz o próprio Sartre no início da conferência *O existencialismo é um humanismo*, p. 233.

¹⁴ Ver MARCEL. G. *Les Grands appels de l'homme contemporain*. Paris: Éd. du temps présent, 1947. p. 118.

Transcorridos mais de sessenta anos da data de sua publicação, *A náusea* é tida, num consenso quase unânime, como um dos grandes romances da literatura francesa. *O ser e o nada* é um dos marcos do pensamento filosófico do século recém-findo. O existencialismo pertence ao passado e, hoje em dia, dificilmente alguém falará em humanismo existencialista. Mesmo assim, a leitura de *A Náusea*, o estudo de *O ser e o nada* e de *O existencialismo é um humanismo* permitem-nos reviver e compreender melhor um dos mais conturbados períodos da história do século XX.

REFERÊNCIAS

- BLANCHOT, Maurice. Sur les romans de Sartre, *L'Arché*, Oct. 1945.
- BORNHEIM, Gerd. *Sartre*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- LÉVY, Bernard-Henri. *O século de Sartre: inquérito filosófico*. Tradução de: Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- MARCEL, Gabriel. *Les Grands appels de l'homme contemporain*. Paris: Éd. du temps présent, 1947.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Sens et non-sens*. 5. éd. Paris: Nagel, 1966.
- SARTRE, Jean-Paul. *A Náusea*. 7. ed. Tradução de: Rita Braga. Rio: Nova Fronteira, 1991.
- _____. *La Nausée*. Paris: Gallimard, 1938.
- _____. *Les Mots*. Paris: Gallimard, 1964.
- _____. *O ser e o nada. Ensaio de ontologia fenomenológica*. 2. ed. Tradução de: Paulo Perdígão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- _____. *O existencialismo é um humanismo*. 2. ed. Tradução de: Vergílio Ferreira. Lisboa: Presença, s.d.
- _____. *Que é a literatura?* Tradução de: Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 1989.
- _____. *Situations, X*. Paris: Gallimard, 1976.
- SUBERVILLE, Jean. *Théorie de l'Art et des Genres Littéraires*. 5. éd. Paris: Les Éditions de l'École, 1959.